

A FRAGMENTAÇÃO DA IDENTIDADE NO ROMANCE *OS CUS DE JUDAS*Josiane Nava Vogt¹
Josiele Kaminski Corso Ozelame²

RESUMO: O presente artigo busca demonstrar a fragmentação da identidade do narrador no romance *Os cus de Judas* escrito por António Lobo Antunes, em 1979. Para tanto, foram consideradas características da personagem principal do enredo, cujos cenários descritos alternam-se entre Lisboa e diversas cidades angolanas no período compreendido de 1970 e 1973, os últimos anos da Guerra Colonial. Esse conflito visava à independência da Angola, então colônia de Portugal. O objetivo é a análise da identidade da personagem principal a partir das características fornecidas no romance: da solidificação da identidade nacional ainda na infância para a fragmentação a partir dos anos vividos na guerra. Partimos dos trabalhos de Zygmunt Bauman (2005) e Stuart Hall (2005) quanto à compreensão do conceito de identidade, Albert Memmi (2007) e Edward Said (1990) no que tange à colonização e Antonio Candido (2002) para a caracterização dos elementos de uma narrativa.

Palavras-chave: Identidade. Ficção. Patriotismo. Guerra Colonial.

THE FRAGMENTATION OF THE IDENTITY IN THE NOVEL THE CUS OF JUDAS

ABSTRACT: The present article searches to demonstrate the fragmentation of the identity of the narrator in the novel *The cus of Judas* written for António Lobo Antunes, in 1979. For that, they were considered characteristics of the main character of the plot, whose scenarios described alternate between Lisbon and several Angolan cities in the period from 1970 and 1973, the last years of the Colonial War. This conflict was aimed at the independence of Angola, then Portugal's colony. The objective is the analysis of the identity of the main character from the characteristics provided in the novel: from the solidification of the national identity still in childhood to the fragmentation from the years lived in the war. We leave from the works of Zygmunt Bauman (2005) and Stuart Hall (2005) on the concept of identify, Albert Memmi (2007) and Edward Said (1990) in relation to colonization and Antonio Candido (2002) for the characterization of the elements of a narrative.

Keywords: Identity. Fiction. Patriotism. Colonial War.

1. O ambiente e as personagens

O médico português, ex-militar da Guerra Colonial na Angola e narrador-personagem do romance histórico *Os Cus de Judas*, escrito por António Lobo Antunes, em 1979, embora apresente características semelhantes às do autor do livro – olhos azuis, nacionalidade portuguesa, médico e ex-soldado – não é o próprio autor. Anatol Rosenfeld (2002) afirma que é possível referenciar vivências reais, porém elas são transfiguradas por

¹ Mestranda na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu, Bolsista do Programa Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras.

² Professora Doutora do Programa Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras, do curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu.

meio da energia criativa e da linguagem poética que caracterizam o texto literário. Ao tratar especificamente do narrador, foco dessa análise, salienta:

O narrador fictício não é sujeito real de orações, como o historiador ou o químico; desdobra-se imaginariamente e torna-se manipulador da função narrativa (dramática, lírica), como o pintor manipula o pincel e a cor; não narra de pessoas, eventos ou estados; narra pessoas (personagens), eventos e estados. E isso é verdade mesmo no caso de um romance histórico. (ROSENFELD, 2002, p. 26)

Ele, o médico, sentado em um bar em Lisboa, oito anos após retornar da Guerra, relata a sua história de vida intercalando as vivências na guerra, infância, adolescência e idade adulta. Sua narrativa segue uma sequência não linear, característica do tempo psicológico, na qual a ordem natural dos acontecimentos é alterada. Esse tempo é o pilar sob o qual o romance se desenvolve.

Há também uma sequência cronológica que permeia a narrativa e contribui para que o leitor perceba o retorno da personagem ao tempo presente. Tempo identificado pelas pausas para encher o copo de bebida alcoólica, manifestar o desejo de que a mulher que o escuta não lhe deixe, para afugentar a solidão ou para expô-la a desesperança no futuro. Os acontecimentos acusam a progressão das horas e do nível alcoólico de ambos as personagens:

Espere um instante, deixe-me encher o copo. [...] para se poupar a si mesma o espetáculo derrisório da minha comoção, comoção de bêbado, às duas da manhã [...]. E aqui estamos nós, afogados também, franzindo de tempos a tempos as vieiras das pálpebras, polvos de aquário borbulhando palavras que a música de fundo dissolve num murmúrio em surdina de maré, você a escutar-me com a tranquila paciência das estátuas [...]. (ANTUNES, 2010, p.69)

As características apresentadas acima permitem estabelecer as diferenças existentes entre a realidade vivida e a realidade (re)criada que, de acordo com Antonio Candido (2002, p. 58), “estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem”. Diante disso, observa-se que a linguagem transforma o real a partir do momento em que é narrada.

A estrutura narrativa adotada e cujos longos parágrafos e uso repetido de metáforas contribui para estabelecer a mescla entre o tempo presente da narrativa e as memórias do passado, que insiste em contar à paciente ouvinte. Ao introduzir elementos que reiteram o tempo presente como: a referência à estada em um bar em Portugal, ao relógio que avança

o tempo etc., o personagem revela sempre um novo detalhe, aprofundando o sentimento de perda (identitária) que o preenche.

Essa transformação da realidade em ficção decorre da necessidade de preencher um espaço faltante na realidade, e a partir disso culmina no desvendar de outro mundo ainda mais real daquele pretendido anteriormente. Conforme Leyla Perrone-Moisés (2006), essa insatisfação advém da complexidade dos dados de que se dispõe o que aumenta a capacidade de conhecer e, conseqüentemente, impedir uma visão de conjunto dos fatos reais.

Inserido neste mundo de verossimilhança as personagens praticam suas ações. Para Candido (2002, p. 53), “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo”, ou seja, a existência desses elementos está intimamente ligada de modo que o sentido é construído a partir da íntima ligação entre eles. Soma-se a isso a tratativa dos personagens de dois modos:

1) Como seres íntegros e facilmente delimitáveis, marcados duma vez por todas com certos traços que os caracterizam; 2) como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas têm certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério.[...] O senso da complexidade da personagem, ligado ao da simplificação dos incidentes da narrativa e à unidade relativa de ação, marca o romance moderno [...]. (CANDIDO, 2002, p. 61)

Houve uma evolução técnica do romance na composição das personagens a partir do século XVIII diferenciando-se em: personagens de costume – são divertidas e apresentam traços facilmente distinguidos por um leitor superficial, pois são fortemente marcados – e personagens de natureza – são inconstantes devido ao modo de ser e seus traços são superficiais. Há também, referência às definições de Foster (1949) para quem as personagens podem ser planas – construídas a partir de uma qualidade ou características, o que facilita a identificação ao longo do romance – ou esféricas – são aquelas passíveis de surpreender o leitor ao longo da obra, portanto complexas. (CANDIDO, 2002)

Estabelecidas tais diferenças, Candido (2002) reconhece que a personagem deve passar a impressão de que vive. Esses aspectos são característicos do romance moderno e, “é precisamente a ficção que possibilita viver e contemplar tais possibilidades” e complementa “graças ao modo de aparecer concreto e quase-sensível deste mundo imaginário nas camadas exteriores”. (ROSENFELD, 2002, p. 46)

Perrone-Moisés enfatiza que “a literatura aponta sempre para o que falta, no mundo e em nós” (2006, p. 104). Portanto, ao aliar elementos da realidade concreta e da ficção, a literatura contribui para a construção de novas realidades embasada na incompletude do real e num olhar mais atento por parte do leitor ao interpretar situações cotidianas. Consoante a isso, podemos completar que:

Este mundo fictício ou mimético, que freqüentemente reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra, torna-se, portanto, representativo para algo além da realidade empírica, mas imanente à obra. (ROSENFELD, 2002, p. 15)

As características expostas neste texto visam à contribuição para um entendimento da complexidade da personagem principal no enredo. Sendo assim, as demais personagens não constituem o objeto de análise aqui pretendido.

No romance *Os cus de Judas* o protagonista mostra-se uma personagem “de natureza” devido à caracterização física escassa e oscilações de comportamento no decorrer da narrativa – inicia com uma personalidade tranquila, que evita complicações, como por exemplo, as lutas contra o governo ditador enquanto jovem e, após a guerra demonstra o desinteresse pela vida importando-se pouco com o que irá ocorrer consigo. É possível identificar ainda, a modificação do sentimento patriota ao longo do romance e a perda da identidade nacional, de colonizador.

2. Identidade colonizadora

Hall (2005) no primeiro capítulo de seu livro *A identidade cultural na Pós Modernidade*, faz referência a três acepções para a palavra *identidade*, de acordo com a evolução histórica: identidade do sujeito iluminista, caracterizada por ser centrada no indivíduo; identidade do sujeito social, devido à interação com o meio; e identidade do sujeito pós-moderno, àquela híbrida.

No início do romance *Os cus de Judas*, é apresentada a identidade do médico que reside em Lisboa, Portugal. Ele nasceu e cresceu em uma família tradicional, de almoços aos domingos, jogos de cartas e orgulho dos membros que pertenceram ao exército português. Embora, em suas recordações de infância ele demonstre aversão ao bisavô general, à família sente orgulho de um membro que participou ativamente das lutas e conquistas da nação portuguesa:

Conhece o general Machado? Não, não se franza, não procure, ninguém conhece o general Machado, cem em cada cem portugueses nunca ouviram falar do general Machado, o planeta gira apesar desta ignorância do general Machado, e eu, pessoalmente, odeio-o. Era o pai da minha avó materna, a qual, aos domingos, antes do almoço, me apontava com orgulho a fotografia de uma espécie de bombeiro antipático de bigodes, dono de numerosas medalhas que tronavam no armário de vidro da sala juntamente com outros troféus guerreiros igualmente inúteis, mas a que a família parecia prestar uma veneração de relíquias. (ANTUNES, 2010, p. 34)

No excerto acima, é perceptível o núcleo familiar consistente, a identidade social: “cujo núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2005, p.11). Essa identidade contribui para a formação de outra, a identidade nacional composta por símbolos e representações que influênciam os cidadãos de uma nação, de acordo com o mesmo autor, por meio do discurso que apregoa.

A identidade nacional é manifestada no romance a partir das representações dos objetos, sua importância e disposição na casa da família tradicional portuguesa na qual o personagem cresceu:

O espectro de Salazar pairava sobre as calvas pias labaredzinhas de Espírito Santo corporativo, salvando-nos da ideia tenebrosa e deletéria do socialismo. A Pide prosseguia corajosamente a sua valorosa cruzada contra a noção sinistra de democracia, primeiro passo para o desaparecimento, nos bolsos ávidos de ardinhas e marçanos, do faqueiro de cristofle. O cardeal Cerejeira, emoldurado, garantia, de um canto, a perpetuidade da Conferência de São Vicente de Paula, e, por inerência, dos pobres domesticados. O desenho que representava o povo em uivos de júbilo ateu em torno de uma guilhotina libertária fora definitivamente exilado para o sótão, entre bidés velhos e cadeiras coxas, que uma fresta poeirenta de sol aureolava do mistério que acentua as inutilidades abandonadas. (ANTUNES, 2010, p. 13-14)

A crença acima exposta reafirma o apoio do povo português à luta contra a independência das colônias portuguesas ao destacar a imponência do governante de Portugal, Salazar, e a coragem dos membros do exército português em defender a nação de ameaças, como a democracia. Para Bauman (2001, p. 124) o nacionalismo está vinculado à ideia de comunidade étnica, pois a etnicidade é vista como algo natural o que contribui para a reafirmação de pertencimento, “fazer parte de uma etnia estimula à ação: devemos

escolher a lealdade à nossa natureza — devemos tentar, com o maior esforço e sem descanso, viver à altura do modelo e assim contribuir para sua preservação”.

Outro momento marcante nas memórias do narrador – que exemplifica o conceito de identidade nacional já mencionado - é o contraponto que ele estabelece entre o que lhe contaram no liceu sobre a África e o que ele encontrou ao pisar na Angola, “a ideia de uma África portuguesa, de que os livros de história do liceu, as arengas dos políticos e o capelão de Mafra me falavam em imagens majestosas, não passava afinal de uma espécie de cenário de província [...]”. (ANTUNES, 2010, p. 119)

Diante dessa formação ideológica de uma África construída pelo olhar ocidental, Edward Said (1990, p. 77) explica que “a conversão é um processo disciplinado: é ensinado, têm sociedades, periódicos, tradições, vocabulário e retórica, tudo isso conectado, basicamente, às normas culturais e políticas prevalecentes no Ocidente e alimentado por elas”, o que justifica a autoridade do Ocidente sobre o Oriente, do qual se ocupa o referido autor.

Essa constatação incorpora a ideia de colonização, por parte do colonizador, exposta por Albert Memmi:

Ele sabia, é claro, que a colônia não era habitada unicamente por colonos ou por colonizadores. Tinha até mesmo uma idéia dos colonizados, graças aos livros de leitura de sua infância; acompanhara no cinema um documentário qualquer sobre alguns de seus costumes, de preferência escolhidos por sua estranheza. Mas esses homens pertenciam precisamente ao domínio da imaginação, dos livros ou do espetáculo. Não lhe diziam respeito, ou muito pouco, indiretamente, por intermédio de imagens coletivas para toda a nação, epopéias militares, vagas considerações estratégicas. Ele se inquietou um pouco quando decidiu ele próprio ir para a colônia; mas não de maneira diferente da adotada em relação ao clima, talvez desfavorável, ou à água, que diziam calcária demais. Eis que esses homens, subitamente, deixando de ser um mero elemento de um cenário geográfico ou histórico, instalam-se em sua vida”. (MEMMI, 2007, p.41)

Em complemento a essa ideia, Bauman (2005, p. 19) afirma “as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta”. Assim, a influência familiar da personagem sobre a construção de sua identidade se dá de maneira expressiva.

Um fragmento que demarca fortemente a identidade nacional é a certeza das tias, personagens idosas, de que a entrada no exército fará do narrador um homem, ou seja, a partir do momento em que ele iniciar os serviços na tropa representando a pátria será digno

de respeito e será reconhecido pela família, com orgulho. Porém, a personagem em questão – criado em um ambiente de proteção, “cresci num acanhado universo de crochet, crochet de tia-avó e crochet manuelino, filigranaram-me a cabeça na infância, habituaram-me à pequenez do bibelot” (ANTUNES, 2010, p.31), não compreende de que forma a convocação e, posteriormente, a partida para a Guerra Colonial há de torná-lo homem, visto que até aquele momento ele havia sido ensinado “a acenar com o lenço em lugar de partir” (ANTUNES, 2010, p.31). Tal ironia é percebida no trecho a seguir:

De modo que quando embarquei para a Angola, a bordo de um navio cheio de tropas, para me tornar finalmente homem, a tribo, agradecida ao Governo que me possibilitava, grátis, uma tal metamorfose, compareceu em peso no cais, consentindo, num arroubo de fervor patriótico, ser acotovelada por uma multidão agitada e anônima semelhante à do quadro da guilhotina, que ali vinha assistir, impotente, à sua própria morte. (ANTUNES, 2010, p. 14)

É notável a superioridade da ideologia colonizadora em detrimento da vontade individual do patriota, visto que o narrador não esboça orgulho em estar na colônia defendendo seu país e sim, saudade de sua terra natal e ignorância acerca do combate em terras angolanas. Para Said (1990, p. 31) “não há nada de misterioso ou de natural na autoridade. Ela é formada, irradiada, disseminada, [...] é virtualmente indistinguível de certas ideias que dignifica como verdadeiras, e das tradições, percepções e juízos que forma”.

Acentua-se ao longo do romance, na medida em que o narrador familiariza-se com a realidade da guerra - presencia a primeira morte de um soldado, amputações e doentes crônicos, a insegurança de estar longe da terra natal e a incerteza de continuar vivo: “estamos os dois aqui sentados agora como ele e eu nesse tempo, abril de 71, a dez mil quilômetros da minha cidade, da minha mulher grávida, dos meus irmãos de olhos azuis cujas cartas afectuosas se me enrolavam nas tripas em espirais de ternura” (ANTUNES, 2010, p.58). Esse sentimento do personagem está ancorado na exposição de Hall (2005) cuja identidade nacional moderna constrói-se a partir da lembrança e da imaginação dos símbolos historicamente identificados.

O crítico literário Said (1990 p. 19) enfatiza o sentimento de superioridade cultural do europeu “o principal componente na cultura européia é precisamente o que torna essa cultura hegemônica tanto na Europa quanto fora dela: a ideia da identidade européia como sendo superior em comparação com todos os povos e culturas não-europeus”. O médico,

em *Os cus de Judas*, inferioriza a capital da Angola, Luanda, ao expor características negativas da cidade e a recusa de pertencimento àquele local:

[...] cidade colonial pretensiosa e suja de que nunca gostei, gordura de humanidade e de calor, detesto as tuas ruas sem destino, o teu Atlântico domesticado de barrela, o suor dos teus sovacos, o mau gosto estridente do teu luxo. Não te pertences nem me pertences, tudo em ti me repele, recuso que seja esse o meu país, [...] a minha terra são 89 000 quilómetros quadrados com centro em Benfica na cama preta dos meus pais, a minha terra é onde o Marechal Saldanha aponta o dedo e o Tejo desagua [...]. (ANTUNES, 2010, p. 78)

O narrador demonstra aversão à colônia e reforça a identidade portuguesa, salientando seu local de nascimento como comunidade de pertencimento. A reflexão de Bauman (2005) explica a tomada de consciência do personagem:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a idéia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa idéia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (BAUMAN, 2005, p. 18)

Observa-se um esforço da personagem principal no romance *Os cus de Judas* de se manter ligado a Portugal ao buscar elementos que reforçam a sua identidade portuguesa a partir das lembranças do que aprendeu em sua terra natal e do que irá reencontrar quando retornar. Porém, o primeiro momento em que desembarca em Lisboa após o início da guerra inicia-se o rompimento da ideia de identidade enquanto pertencimento, pois a personagem percebe que a Lisboa de sua imaginação é diferente daquela que se lhe apresenta.

3. A fragmentação da identidade a partir da Guerra Colonial

O período de recesso em meio à Guerra Colonial, no qual o personagem retorna a Portugal evidencia o início da fragmentação de sua identidade nacional, visto que rompe com o elemento da imaginação alimentado no período vivido em Angola:

A minha lembrança grandiosa de uma capital cintilante de agitação e de mistério copiada de John dos Passos, que alimentara fervorosamente durante um ano nos areais de Angola, encolhia-se envergonhada defronte de prédios de subúrbio onde um povo de terceiros-escriturários ressonava entre salvas de casquinha e ovais de crochet. (ANTUNES, 2010, p.84)

Repara-se nesse trecho o deslocamento da identidade nacional da personagem, característica da identidade pós-moderna devido à globalização, de acordo com Hall (2005). Esse fenômeno permite atravessar fronteiras, conectar comunidades e possibilita a conexão de experiências diferentes ao redor do mundo e “essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compreensão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais” (HALL, 2005, p.68). A compreensão das distâncias pelo médico, ainda em Angola, através da tomada de consciência de que a vida segue em Lisboa, independentemente de sua estada na guerra, e a ironia ao imaginar os pensamentos dos conterrâneos com relação a eles, os soldados:

[...] estávamos em 71, no Chiúme, e a minha filha acaba de nascer. Acaba de nascer e a essa hora as senhoras do Movimento Nacional Feminino devem estar pensando em nós sob os capacetes marcianos dos secadores dos cabeleireiros, os patriotas da União Nacional pensam em nós comprando roupa interior preta, transparente, para as secretárias, a Mocidade Portuguesa pensa em nós preparando carinhosamente heróis que nos substituam, os homens de negócios pensam em nós fabricando material de guerra a preço módico, o Governo pensa em nós atribuindo pensões de miséria às mulheres dos soldados, e nós, mal agradecidos, alvos de tanto amor, saímos do arame em que apodrecemos para morrer por perversidade de mina ou emboscada, ou deixamos negligentemente filhos sem pais a quem ensinam a apontar com o dedo o nosso retrato ao lado da televisão, sem salas de estar onde tão-pouco estivemos. (ANTUNES, 2010, p.72)

Ao suscitar a dúvida enquanto pertencente à pátria majestosa, neste caso, Portugal, o médico nega uma característica essencial da identidade nacional: a fidelidade, conforme Bauman (2005, p. 28), “a identidade nacional, permita-me acrescentar, nunca foi como as outras identidades. Diferentemente delas, que não exigiam adesão inequívoca e fidelidade exclusiva, a identidade nacional não reconhecia competidores, muito menos opositores”.

No que diz respeito à globalização, o autor acima mencionado acredita que o desejo do governo em manter uma relação de solidez com a nação fragiliza-se em razão daquela. Essa fragilidade apresenta-se no romance no momento de retorno a Angola, pois o

narrador ao desconstruir a majestade de sua terra natal também reconhece o seu distanciamento:

O certo é que, à medida que Lisboa se afastava de mim, o meu país, percebe, se me tornava irreal, o meu país, a minha casa, a minha filha de olhos claros no seu berço, irreais como estas árvores, estas fachadas, estas ruas mortas que a ausência de luz assemelha a uma feira acabada, porque Lisboa, entende, é uma quermesse de província, um circo ambulante montado junto ao rio, uma invenção de azulejos que se repetem, aproximam e repelem, desbotando as suas cores indecisas, em rectângulos geométricos, nos passeios, não, a sério, moramos numa terra que não existe, é absolutamente escusado procurá-la nos mapas porque não existe, está lá um olho redondo, um nome, e não é ela, Lisboa começa a tomar forma, acredite, na distância [...]. (ANTUNES, 2010, p.92)

Embora a personagem ocupe o papel do colonizador na obra, o reconhecimento da identidade fragmentada faz com que o sentimento dele assemelhe-se ao do colonizado expresso por “um homem dividido entre duas culturas raramente encontra o equilíbrio”. (MEMMI, 2007, p.166)

Após dois anos e três meses na guerra, o médico retorna a Portugal e o sentimento de não pertencer a lugar algum o aflige. Ele o esboça em sua narrativa ao afirmar:

Queria desesperadamente ser outro, sabe, alguém que pudesse amar sem vergonha e de que os meus irmãos se orgulhassem, de que eu próprio me orgulhasse ao observar no espelho da barbearia ou do alfaiate o sorriso contente, o cabelo loiro, as costas direitas, os músculos óbvios sob a roupa, o sentido de humor à prova de bala e a inteligência prática. Irrita-me este invólucro inábil e feio que é o meu, as frases enroladas na garganta, a falta de lugar para as minhas mãos defronte das pessoas que não conheço e me amedrontam. Irrita-me o receio que tenho de si, de lhe desagradar. (ANTUNES, 2010, p.168)

O incômodo de ser quem é, a vontade de que a família tivesse orgulho de si, de poder amar e o receio de desagradar a mulher que o acompanha e o escuta ao longo da narrativa apodera-se do narrador. Bauman (2001) afirma que a ideia de uma comunidade unida reforça a necessidade de sacrifício de um “objeto”, esse objeto pertence à categoria dos marginalizados socialmente – no caso do narrador do romance aqui analisado, é um jovem e imaturo membro de uma família de classe média induzido a tal sacrifício pela própria família, cujo orgulho de ter tido outros membros atuantes nas guerras incentiva.

Nota-se a passagem de uma identidade nacional sólida, cujo amor por Portugal sobressaia, para uma identidade fragmentada, de um sujeito inseguro só por saber que não

é o que gostaria de ser e, também não atingiu as expectativas da família de que se tornaria um homem, tal e qual foi o general Machado. Mas, seu retrato é de homem solitário e melancólico, cujo telefonema ninguém espera. A identidade pós-moderna, que interliga vários elementos em si, explica o sentimento do narrador, nas palavras de Hall:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (HALL, 2005, p.75).

Essa afirmação acima reflete a mudança do conceito de identidade ao longo do tempo, com uma tendência individualista no Iluminismo, social na Idade Moderna e híbrida na contemporaneidade.

Uma passagem nos capítulos finais do romance evidencia a necessidade de companhia - a fadiga de estar só - na qual o médico pede à sua interlocutora que permaneça consigo, não apenas naquela noite, mas, também nas próximas, pois isso o ajudará na tentativa de reorganizar seus pensamentos e sentimentos.

Suas memórias estão confusas devido ao tempo demasiado que passou longe de sua terra natal e, portanto, não consegue reconhecê-la, pois segundo ele “flutuo entre dois continentes que me repelem”. (ANTUNES, 2010, p.182)

Para Bauman (2005) esse desconforto causado por sentir-se totalmente ou parcialmente deslocado, independentemente do local em que se está, pode ser uma experiência muito desconfortável. O autor complementa ainda que, a probabilidade de ficar dividido entre o desejo de uma identidade que se goste e ao mesmo tempo sentir o temor de assumi-la pode culminar na descoberta que não será fácil voltar atrás. Esse sentimento permeia o fim do romance *Os cus de Judas* no qual a personagem principal, embora confuso, demonstra insegurança, permanece no isolamento e cogita retornar para debaixo dos lençóis, em sua cama desfeita, fechar os olhos e esperar que algo mude.

Diante do exposto, temos uma personagem que cresceu no seio de uma família portuguesa na qual o orgulho nacionalista resplandece e a necessidade de defender o país na Guerra da África não deva ser questionado, e sim acatado. Ao partir para a África, a personagem vivencia a angústia por estar no cenário de guerra e questiona-se acerca da relevância dessa luta para o seu país e do próprio valor dos filhos da “pátria” para os governantes – o que fica evidente ao expor o que cada grupo social de Portugal poderia

estar pensando acerca dos soldados na guerra. Essa incompreensão gera na personagem um sentimento de não pertencimento a lugar algum: nem a Portugal, sua terra natal, e nem à África, que não lhe afeiçoa, embora tenha passado a compreendê-la diferentemente do que lhe foi ensinado na escola. A fragmentação identitária, portanto, o impede de retornar à vida que levava antes de ir à guerra e o preenche de melancolia por não sentir-se pertencente a qualquer lugar.

Referências

- ANTUNES, António Lobo. *Os cus de Judas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores na escrivaniinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- SAID, Edward Wadie. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Data de recebimento: 09/08/2016

Data de aprovação: 24/11/2017